

Da sociedade em redes às redes sociais digitais

aluna: Priscilla Parada

semestre: 2º / 2010

Introdução

A proposta para o desenvolvimento deste artigo é a apresentação de um “caminho” possível para a discussão nas salas de aula do Ensino Médio de um tema bastante recorrente para jovens e adolescentes: a participação nas redes sociais digitais.

As redes sociais digitais são hoje uma realidade para crianças, jovens e adultos. O acesso a microcomputadores conectados à rede mundial Internet, com possibilidade de banda larga¹ e diversos serviços gratuitos, traz à tona temas como a privacidade no mundo em rede, a segurança nas transações realizadas via Internet, a exposição de informações pessoais, o contato com pessoas desconhecidas, e o acesso irrestrito a todo tipo de conteúdo (relacionado à sexualidade, drogas e violência). Todos esses temas traçam fronteiras com a discussão proposta: as relações em rede na web; as redes sociais digitais. Assim, será necessário nos limitarmos a um recorte, haja visto a amplitude e a diversidade de olhares possíveis, nas diversas áreas de conhecimento que esbarram de alguma forma nessa temática, tanto por sua abrangência quanto por sua penetração nos diferentes campos disciplinares.

Aqui o foco será sociológico e, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, documento emitido pela Secretaria de Educação Média e Tecnológica, o estudo das Ciências Sociais no Ensino Médio tem como objetivo desenvolver competências como a capacidade de analisar, refletir sobre a relação do indivíduo com a sociedade, observando mudanças nas condições sociais, econômicas e políticas da sociedade, possibilitando o exercício de compreensão da realidade social.

Nesse sentido, o recorte desse artigo está no olhar sobre o conceito de sociedade em rede, sobre o advento da Internet, até o uso das redes sociais digitais, tão comuns ao universo dos jovens e adolescentes. Esse enfoque permite levar ao aluno um olhar sociológico, com a proposta do desenvolvimento da capacidade analítica para a compreensão da realidade em que vivem, já que o acesso e a participação nas redes sociais caracterizam o comportamento da maioria dos usuários da Internet no Brasil. Segundo estudos do IBOPE, “o alcance das redes sociais (...) foi de 85,6% dos

¹ Banda larga é o termo usado para descrever uma comunicação de alta velocidade.

internautas ativos (...)” no Brasil em março de 2010, esse mesmo estudo afirma que este índice representa a maior penetração das redes sociais no mundo.

Tendo definido o recorte para esse artigo, a tarefa inicial será apresentar um panorama acerca do conceito de sociedade em rede, que se caracteriza pelas relações mediadas pelas Tecnologias de Comunicação e Informação, passando pelo surgimento da Internet, pela cultura da sociedade em rede, focando os esforços na apresentação de alguns autores que definem e descrevem as redes sociais digitais e seus impactos, positivos e negativos, no cotidiano das pessoas.

Da sociedade em rede às redes sociais digitais

1. A Sociedade em Rede

Vivemos num mundo globalizado, o qual é influenciado e mediado pelas novas tecnologias de comunicação e informação. Segundo Castells (1999), a globalização caracteriza-se pela interdependência universal das nações, tanto na produção material, econômica, como na produção intelectual.

É certo que a revolução que vivemos não existiria se desassociada dos avanços tecnológicos. Segundo Castells, desde a década de 1970 a história vem desenhando um novo paradigma tecnológico, com base nas tecnologias da informação. Podemos ser mais precisos e entender que o início dessa construção foi dado pela interação norte-americana com a economia global e com a geopolítica mundial. Por essa visão, tal interação provocou a geração de novas formas de se produzir, de se comunicar, de gerenciar e de viver.

Esses novos paradigmas trouxeram uma grande ruptura com o mundo que até então tinha toda sua economia baseada em máquinas e bens de produção. O intangível, isto é, a comunicação, a informação, o conhecimento passaram a ocupar um lugar de suma importância nas relações sociais. Essas estruturas sociais emergentes caracterizam o que por vezes é chamado de Era da Informação.

Manuel Castells, autor que terá lugar de destaque na construção desse artigo, é um cientista social que dedica seus trabalhos (especialmente no livro *A Sociedade em Rede*) à análise dessa nova dinâmica sócio-econômica da Era da Informação. Tendo como base pesquisas sobre tecnologia da informação, Castells observa um “novo ‘modo de desenvolvimento’, que não se (sic) substitui ao modo de produção capitalista, mas lhe dá nova face (...) (culminando) na identificação de uma nova estrutura social, marcada pela presença e o funcionamento de um sistema de redes interligadas (...) a Sociedade em Rede” (Prefácio de Fernando Henrique Cardoso à *Sociedade em Rede*, in: CASTELLS, 1999, p. 36).

Para prosseguir com seus estudos sobre essa sociedade que surge, Castells (1999, p.43) toma a revolução tecnológica como ponto de partida de sua análise, e a justificativa para essa adoção metodológica é o fato da penetrabilidade percebida na revolução da tecnologia da informação nos

diversos campos da vida social. Por tecnologia Castells (1999, p. 67) adota um conceito alinhado ao apresentado por Harvey Brooks e Daniel Bell, caracterizando-a como “o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível”. Outro esclarecimento que se faz necessário para darmos continuidade a esse artigo é o que Castells entende como tecnologias de informação, e como ele percebe a expansão da tecnologia na sociedade contemporânea. Por tecnologia de informação Castells entende:

(...) o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/rádiodifusão, e optoeletrônica. (...), o processo atual de transformação tecnológica expande-se exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida. (CASTELLS, 1999, p.67-68)

A revolução tecnológica muitas vezes sofre duras críticas. Para Castells tais críticas são o fruto da manipulação ideológica sofrida pelo conceito. Castells (1999, p.68) alerta que não podemos subestimar a real importância dessa revolução, comparando-a em seu trabalho à própria Revolução Industrial do século XVIII. Para o autor, a revolução tecnológica apresenta o mesmo caráter de ruptura da Revolução Industrial, uma vez que ambas apresentam impactos determinantes na transformação de diversos aspectos da vida social: na economia, nos modos de produção, na sociedade e na cultura.

No caso da Revolução Tecnológica, Castells (1999, p.68) explica que o “cerne da transformação (...) refere-se às tecnologias da informação, processamento e comunicação”. Nesse sentido, o autor compara o papel da tecnologia da informação na revolução atual, ao papel das novas fontes de energia (motor a vapor, eletricidade, combustíveis fósseis, ou até energia nuclear) nas sucessivas Revoluções Industriais, uma vez que a energia foi fator determinante da sociedade caracterizada pela industrialização.

Porém, é importante ressaltar que a Revolução Tecnológica não foi e não é a única revolução baseada em conhecimento e informação, estes fatores são comuns a diversas revoluções anteriores. Para Castells:

(...) o que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso (CASTELLS, 1999, p.69)

Ainda para o autor, o ser humano se apropria da tecnologia de tal forma que ela não pode ser entendida apenas como ferramenta, mas como sendo ela mesma um processo que precisa ser desenvolvido.

Dando continuidade ao nosso olhar analítico sobre a construção do conceito de Sociedade em Rede de Castells e para a relação do homem com a tecnologia, cabe dedicarmos certa atenção ao

surgimento e desenvolvimento desta rede que, por diversos motivos, estará no foco do nosso debate: a Internet. Segundo Castells (1999, p. 82), a Internet teve seu princípio nas três últimas décadas do século XX, sendo que seu surgimento está relacionado às esferas estratégico-militar, científica, tecnológica e contracultural. A Internet possibilitou um tipo de comunicação imune aos ataques nucleares, baseado numa rede que não possui dependência de centros de comando. Os avanços da tecnologia da informação no meio digital possibilitaram o surgimento de uma rede universal capaz de trafegar dados e informações nos mais variados formatos (som, imagem, vídeos), possibilitando uma “comunicação global horizontal” (CASTELLS, 1999, p. 82).

Ainda assim, antes de 1990, aqueles que não faziam parte dos ambientes militar, científico ou tecnológico sentiam dificuldade para usar a Internet. Cabe lembrar que, nesse momento, a internet não possuía a mesma interface que temos hoje, ou seja, a interface não era gráfica, com o conceito de ícones, intuitiva. Para Castells (1999, p. 87) “a capacidade de transmissão de gráficos era muito limitada, e era difícil localizar e receber informações” (CASTELLS, 1999, p. 87). Contudo, em 1990, acontece um salto tecnológico que aproxima a Internet do que nós conhecemos hoje como tal: é criado o aplicativo que estabelece a teia mundial, o chamado World Wide Web – WWW. Esse aplicativo possibilita a interligação de diversos documentos diferentes, o aplicativo é capaz de organizar o conteúdo da rede por sítios de informação.

Já no final dos anos 1990, a abrangência da Internet recebe um novo incentivo: progressos da tecnologia estabelecem um novo padrão de comunicação entre os microcomputadores e os computadores de grande porte, facilitando e ampliando o uso da rede Internet para as mais diversas atividades. Com isso, para Castells (1999, p.89), “a lógica do funcionamento de redes, cujo símbolo é a Internet, tornou-se aplicável a todos os tipos de atividades, a todos os contextos e a todos os locais que pudessem ser conectados eletronicamente” (CASTELLS, 1999, p.89).

Na Internet, criadores e usuários muitas vezes fundem seus papéis. Nesta rede digital isso é muito comum; vemos a própria comunidade desenvolvendo e aperfeiçoando novos serviços, aplicativos e soluções e depois os disponibilizando, muitas vezes gratuitamente², para os próprios membros que compõem a rede. Esse fato faz da Internet uma rede onde a cultura e a ação social interagem de tal forma, que impactam decisivamente na forma de produzir, de trabalhar, de aprender, enfim, para Castells (1999, p. 69), “esse sistema tem sua própria lógica embutida, caracterizada pela capacidade de transformar todas as informações em um sistema comum de informação, processando-as em velocidade e capacidade cada vez maiores e com custo cada vez mais reduzido em uma rede de recuperação e distribuição potencialmente ubíqua”.

² Um exemplo são as comunidades de Software Livre. No Brasil, temos o Projeto Software Livre Brasil (<http://softwarelivre.org/>), que é uma rede social, mantida pela [Associação Software Livre.org](http://softwarelivre.org/), que reúne universidades, empresários, poder público, grupos de usuários, hackers, ONG's e ativistas com o objetivo de promover o uso e o desenvolvimento do software livre (gratuito) .

Para compreendermos a análise de Castells sobre a Era da Informação e sobre a caracterização da Sociedade em Rede, é de suma importância o olhar atento para o simples conceito que o autor adota para Rede, tema central nessa discussão. Rede é “um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos” (CASTELLS, 1999, p.564). Apesar de aparentemente simples, esse conceito tem desdobramentos em toda a teoria construída por Castells.

Castells (1999, p. 565) assume a lógica da rede para entender a própria sociedade contemporânea, caracterizada pela globalização e pelas relações mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Em seu estudo ele observa que a tendência histórica, as funções e os processos na era da informação se organizam cada vez mais em rede. O autor acredita que:

Redes constituem a nova morfologia das nossas sociedades, e a difusão da lógica da rede modifica substancialmente a operação e os produtos nos processos de produção, experiência, poder e cultura. Enquanto que a forma de rede de organização social existiu noutros tempos e noutros espaços, o paradigma da nova tecnologia de informação fornece o material de base para sua expansão hegemônica por toda a estrutura social. (...) As redes são estruturas abertas, com o potencial de se expandirem sem limites, integrando novos nós desde que sejam capazes de comunicar dentro da rede, nomeadamente desde que partilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base na rede é um sistema altamente dinâmico e aberto, susceptível de inovar sem ameaçar o seu próprio equilíbrio. Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas (...) e para uma organização social que vise a suplantação do espaço e invalidação do tempo. (CASTELLS, 1999, p. 565-566)

Retomando agora a relação da Sociedade em Rede com a tecnologia e com a Internet, perceberemos que até esse momento as informações trazidas nesse artigo podem nos conduzir ao entendimento de que as novas tecnologias de informação e comunicação trouxeram apenas benefícios a essa sociedade baseada na informação e no conhecimento. Contudo, para avançarmos, é importante trazermos para discussão o fato de que a literatura relativa à Sociedade da Informação possui pelo menos duas vertentes de análise. Segundo Egler (2010, p.210-211), “a literatura do campo da sociedade da informação pode ser dividida em dois posicionamentos, um primeiro mais crítico e um segundo mais otimista relativo aos efeitos sociais da inovação tecnológica”.

Para Egler, o posicionamento mais crítico alerta para os efeitos que a tecnologia da informação e a nova organização em rede podem causar se forem lidas como um novo formato de dominação. Egler explicita que as redes constituem uma forma de poder capaz de ultrapassar as barreiras tradicionais do Estado-nação e alerta, ainda, que:

(...) é preciso analisar como os processos advindos com as novas tecnologias transformam a estratégia, a ordem espacial e temporal, os atores e os objetos de sua produção, e nos convidam a examinar as formas específicas para a realização de novas formas de dominação das nações mais ricas sobre as mais pobres (EGLER, 2010, p. 210-211).

Nessa linha pessimista, temos questões que polemiza a posse do capital informacional. Stoer e Magalhães já se debruçaram sobre esta questão no artigo *Educação, conhecimento e a sociedade em rede*. Nele, os autores colocam que o capital de informação e comunicação se tornaram pontos de atenção estratégica das classes sociais que se identificam com a reprodução social. No artigo temos a seguinte citação do livro *Reflexive Modernization*³:

(...) A questão-chave é que a acumulação da informação (e do capital) nas estruturas de I&C (informação e comunicação) torna-se a força motriz da modernidade reflexiva; da mesma forma que a acumulação do capital manufactureiro e as estruturas sociais a ele associadas o tinham sido numa fase anterior da modernidade. (BECK, GIDDENS, LASH - apud STOER, MAGALHÃES, 2003, pg. 1190-1191)

Stoer e Magalhães (2003) fazem uma observação crítica sobre os autores que vêem com entusiasmo o espaço da Rede valorizando apenas a informação, em detrimento da importância do conhecimento. Continuam apontando que inclusive Castells já teria sido questionado por esse entendimento. Vejamos a crítica de Visvanathan à Castells apresentada pelos autores:

Por causa da preocupação de Castells com a informação existe um estranho silêncio em relação ao conhecimento. A sociedade em rede de Castells é uma sociologia do paradigma da informação sem uma sociologia ou teoria do conhecimento. (...) Por consequência, a sociedade em rede de Castells é a personagem central da nova narrativa cívica da mutação do paradigma tecnológico constituindo uma nova relação entre o mapa e o território. O que falta é uma política do conhecimento e uma política das teorias do conhecimento concorrentes. (VISVANATHAN, 2001 - apud STOER, MAGALHÃES, 2003, pg. 1190-1191)

Com Visvanathan (apud STOER, MAGALHÃES, 2003, pg. 1194), podemos chegar a conclusão de que o herói do século XXI “não é o Estado nem as ONGs nem os partidos ou as uniões comerciais, mas sim a rede”. Para Stoer e Magalhães (2003, p. 1193-1194), Visvanathan “dá ênfase à necessidade de criar modelos alternativos de desenvolvimento fora da rede”, pois não havendo essa possibilidade, a rede seria um espaço totalitário, que vetaria o progresso de atores que queiram se desenvolver fora da lógica da rede, fora do paradigma baseado no *informacionalismo*.

Retomando Egler, quando em seu artigo faz uma análise das duas vertentes sociológicas existentes para o entendimento da sociedade baseada em informação, temos que o posicionamento considerado mais otimista com relação ao estabelecimento da sociedade estruturada em redes, entende que o meio digital é um espaço de conhecimento e de constituição de novas formas sociais. “Esses autores consideram como as novas tecnologias produzem um ciberespaço, como um meio de comunicação, que tem uma forma e um conteúdo indeterminado, que transforma a comunicação intelectual e permite a constituição de novos laços sociais” (EGLER, 2010, p. 210-211).

³ BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. *Reflexive Modernization*. Cambridge: Polity Press, 1994.

Ainda nesta linha otimista, podemos acrescentar as análises de outro autor importante desse campo: Pierre Levy. Seus estudos focam as transformações observadas na cultura humana por esse contato com a Internet, com o meio digital. Para Levy (1999), estudar a internet não significa acreditar que dela virão todas as soluções para as questões culturais e sociais do planeta, bastando a proposta de seu livro *Cibercultura* no reconhecimento de dois fatos:

Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LEVY, 1999, p. 11)

Assumindo para nosso trabalho a existência dessas duas linhas de análise, retomamos a análise de Egler para resumir essa dicotomia da seguinte forma:

Trata-se, portanto, de duas formas de interpretar a sociedade da informação, uma primeira que faz a sua crítica associada ao desvendamento de estratégias que definem as formas como são utilizadas as redes, para ampliar o poder de dominação econômica e política. Um segundo posicionamento mais otimista que procura analisar seus efeitos sobre a vida cotidiana, a formação de identidades, as possibilidades de estabelecer um lugar-comum, e observam suas potencialidades na formação de novos espaços de cooperação que busquem, na experiência das redes, a formação de um novo espaço público de ação coletiva que se forma em benefício da emancipação social. (EGLER, 2010, p. 210-211)

Ainda sobre essa relação, cabe destacar o seguinte posicionamento de Castells (1999, P. 113) que, citando Melvin Kranzberg, diz: “A tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra”.

Nesse artigo não há a pretensão de assumir esta ou aquela perspectiva ou orientação teórica com relação aos conceitos pertinentes ao estudo do que Castells chama de Sociedade em Rede. Considerando a finalidade desse estudo, a relevância está em reconhecermos a existência dessa dicotomia analítica (positivo x negativo) e partirmos para a apresentação e para uma breve análise de alguns fatos concretos identificados na Rede ou no ciberespaço ⁴.

Uma leitura mais profunda de Castells permite que reconheçamos que a lógica de Rede permeia toda a sociedade na Era da Informação. Ela está presente e organiza os modos de produção, a comunicação, a cultura, o trabalho, enfim, não necessariamente apenas as relações mediadas pelo computador e pela Internet, mas diversas outras relações sociais. Nesse sentido, nosso foco, as redes sociais digitais, é apenas um dos impactos concretos da lógica da rede no comportamento da sociedade contemporânea.

⁴ Referência ao termo utilizado por Pierre Levy, que será descrito com mais detalhes no decorrer do artigo.

2. Redes Sociais Digitais

Partindo para a construção do conceito de Redes Sociais, temos autores como Raquel Recuero, representante da área de Comunicação na discussão acerca das redes sociais digitais. Em seu livro *Redes Sociais na Internet*, Recuero inicia seus estudos elegendo uma definição para “rede social”, definindo seus elementos formadores, para depois descrever o “suporte” para essas redes, que seriam as ferramentas, sites ou softwares nos quais as relações sociais podem ser identificadas ou rastreadas no meio digital.

Para Recuero (2009, p.24), uma rede social se define pela existência de dois elementos: atores, que são as pessoas, as instituições ou grupos que formam os “nós da rede” e suas conexões, que são as interações ou laços sociais entre os atores. A autora ainda observa que as redes sociais são uma metáfora para a análise dos padrões de conexão de grupos sociais, sendo impossível isolar atores e conexões, pois o foco está exatamente na observação do padrão de interação identificado. Segundo Recuero, essas interações são capazes de proporcionar a troca de informações e a criação de laços sociais.

De acordo com Recuero (2009, p.17-20), o estudo das redes sociais não é algo novo na ciência. A metáfora da rede foi utilizada pela primeira vez pelo matemático Leonard Euler⁵, na criação de sua teoria dos grafos. “Um grafo é a representação de uma rede, constituído de nós e arestas que conectam esses nós. (...) A teoria dos grafos é uma parte da matemática aplicada que se dedica a estudar propriedades dos diferentes tipos de grafos (...) indivíduos e suas interações também podem ser observados através de uma rede ou grafo”.

Analisando outra abordagem, agora de um sociólogo, podemos verificar o estudo de Branislav Kontic, em sua tese de doutorado, onde o conceito de rede é aplicado para o entendimento de redes sociais em associação com o seu papel na análise da organização econômica de atividades de inovação no mundo da moda. Kontic (2007, p.16) desenvolve seu trabalho numa sociologia que analisa o impacto das redes em determinados processos econômicos. Nesse caso, a análise é feita com foco nas redes sociais, no impacto que o relacionamento em formato de rede, entendido também no âmbito da troca de informação, pode ter diferenciação no modo de produção do campo da moda. Para Kontic:

(...) a abordagem dos vínculos entre indivíduos, firmas, sistemas produtivos ou grandes empresas, internos e externos às organizações, permite elucidar as formas de coordenação das redes produtivas, as oportunidades de acesso à informação (...)a.

⁵ Euler, considerado um dos grandes gênios de sua época, em 1736, publicou um artigo sobre o enigma das Pontes de Königsberg. Königsberg era uma cidade prussiana, localizada, como muitas de sua época, em meio a ilhas no centro do Rio Pregolya. A cidade continha ao todo sete pontes, e folcloricamente conta-se que, na época, era uma diversão para seus habitantes tentar resolver o problema de atravessar a cidade através das sete pontes, cruzando cada uma apenas uma vez. Euler, em seu trabalho, demonstrou que cruzar as sete pontes sem jamais repetir um caminho era impossível. Para tanto ele conectou as quatro partes terrestres (nós ou pontos) com as sete pontes (arestas ou conexões), mostrando a inexistência da referida rota e criando o primeiro teorema da *teoria dos grafos*. (RECUERO, 2009, p. 19)

A relação social é a unidade básica de análise e traduz-se no laço entre duas pessoas, que por sua vez têm vínculos com n outras pessoas. Cada uma representa situações pertencimento a grupos familiares ou comunitários, laços de amizade, de transações comerciais ou de outra natureza envolvendo organizações de vários tipos (empresas, sindicatos, agências públicas etc). Redes sociais são, por conseguinte, conjuntos de relações interpessoais, cuja validade pode variar no tempo e no espaço. (KONTIC, 2007, p.16)

É fato que relações sociais existem independentemente do “suporte”, do meio por onde a identificamos e por onde elas se estabelecem. As redes sociais são os padrões de conexão das relações sociais. Chamo a atenção para esse ponto para esclarecer que o fenômeno denominado “redes sociais” é anterior à Internet. O meio digital apenas ampliou o “espaço” para as interações entre os nós das redes, propiciando espaços como os sites de redes sociais digitais, dos quais podemos apresentar os seguintes exemplos: o Facebook⁶, o Orkut⁷, o Twitter⁸, etc

De maneira simples, Recuero (2009, p.102) apresenta a seguinte definição para os sites de redes sociais digitais: “sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet”. Baseada nos estudos de Boyd & Ellison (2007), Recuero define que sites de redes sociais são:

(...) aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada autor. (RECUERO, 2009, p.102)

Importante ainda destacar que, para Recuero, existe uma diferença entre os sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador, sendo que a diferença reside no fato de permitirem a visibilidade e a articulação das redes sociais. Seguindo essa definição, Recuero defende que sites como o Orkut, o Facebook, os fotologs, os weblogs, e o Twitter, podem ser categorizados como sites de redes sociais, pois “mostram as redes sociais de cada autor de forma pública e possibilitam que os mesmos construam interações nesses sistemas.” (RECUERO, 2009, p. 103).

Pierre Levy apresenta em seus estudos outra definição para os sites ou sistemas que dão “suporte” às relações sociais no meio digital:

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (...) Para aqueles que não a praticaram (comunidades virtuais), esclarecemos que, longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. (LEVY, 1999, p. 127-128)

⁶ www.facebook.com

⁷ www.orkut.com

⁸ www.twitter.com

Para garantirmos uma uniformização de linguagem, cabe aqui transcrever a descrição que o autor apresenta para o termo cibercultura e ciberespaço:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço.. (LEVY, 1999, p. 17)

Tendo passado por definições e diferentes percepções sobre as redes sociais digitais, cabe agora problematizar algumas situações propiciadas pela interação digital em rede.

Castells (1999, p. 443), por exemplo, levanta a questão de usuários das redes sociais digitais criarem identidades próprias para as relações on-line. Castells aponta existência de estudos demonstrando que “quem vive vidas paralelas na tela estão, não obstante, ligadas pelos desejos, pela dor e pela mortalidade de suas personalidades físicas”. Outros estudos já apontam para a desumanização das relações sociais, entendendo as relações mediadas pelo computador como uma maneira de fugir da vida real. Castells cita ainda a realização de pesquisas que relacionam o uso exagerado da Internet a quadros de solidão, alienação, depressão, além da diminuição do círculo social e do afastamento do indivíduo da própria família.

Por outro lado, Castells se apóia nos estudos de Barry Wellman, considerado pelo autor o maior pesquisador empírico em sociologia da Internet, para nos lembrar que as “comunidades virtuais” não precisam se opor às “comunidades físicas”. Aquelas são apenas tipos diferentes de comunidade, as quais possuem suas próprias regras e mecanismos de funcionamento. Para Wellman (apud CASTELLS, 1999, 445), a intimidade física e a sociabilidade não sofrem impactos que levem ao empobrecimento da vida social, ao contrário, acredita-se que a Internet pode proporcionar vínculos sociais, inclusive vínculos que podem se transformar em interações no meio físico.

Ainda sobre a questão da sociabilidade, Castells (1999, p.445) esclarece que para a análise desse tema existe uma diferenciação básica para ser entendida: a existência de laços sociais fortes e laços sociais fracos. No caso da Rede, o espaço criado é apropriado para a geração de laços fracos múltiplos, que são úteis para obtenção de informações e novas oportunidades a baixo custo. Passando da teoria para a um caso prático, chamo a atenção para a relação que os jovens têm com suas redes de “amigos” do Orkut ou do Facebook. Muitas vezes, a relação é de prestígio, uma vantagem frente àqueles que possuem menos contatos organizados nesses sites. São laços fracos, mas que de alguma forma são caminhos para a obtenção de determinadas informações. Assim, para Castells (1999, p. 445), “a Internet pode contribuir para a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que parece estar passando por uma rápida individualização e uma ruptura cívica”.

Partindo para a problematização de outro tema, trazemos para este artigo a conclusão do artigo “*Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais*”. Nele, Machado (2007) discute as características das novas formas de organização de movimentos sociais, considerando as novas possibilidades de interação nas tecnologias de informação e comunicação. Para o autor:

A possibilidade de comunicação rápida, barata e de grande alcance faz atualmente da Internet o principal instrumento de articulação e comunicação das organizações da sociedade civil, movimentos sociais e grupos de cidadãos. A rede se converteu em um espaço público fundamental para o fortalecimento das demandas dos atores sociais para ampliar o alcance de suas ações e desenvolver estratégias de luta mais eficazes.(...) Em suma, a rede é um espaço público que possibilita novos caminhos para interação política, social e econômica. (MACHADO, 2007, p.268)

Assim, podemos pensar que a rede, ou o ciberespaço⁹, poderia ser usada como meio para o envolvimento de jovens e adultos em questões sócio-políticas, como as eleições, ou ainda em questões como a elaboração e envolvimento de um grande número de pessoas em abaixo assinados ou outras forma de reivindicação popular.

Como apontado na introdução deste trabalho, a discussão acerca das redes sociais digitais tem relação com diversos temas. Entre os principais podemos destacar questões relacionadas à privacidade, à possibilidade da movimentação e organização política, à segurança nas transações realizadas na Internet (bancos e sites de compras), ao uso patológico das redes sociais digitais e suas implicações psicológicas (depressão e ansiedade), à exposição de informações pessoais, ao acesso irrestrito a todo tipo de conteúdo, e até mesmo o contato com pessoas desconhecidas. Claro que a discussão de cada uma dessas relações poderia, sem dúvida, ser tema de um novo trabalho.

Contudo, encerro este trabalho com a intenção de ter cumprido o papel de dar início a algumas discussões e problematizações que sirvam de provocação para o leitor, no sentido de suscitar a necessidade do estabelecimento de um olhar crítico sempre que estivermos frente à observação do fenômeno social das redes sociais digitais.

Com a intenção de ilustrar e contextualizar alguns dos sites referenciados nesse artigo, apresentamos abaixo uma breve descrição de alguns sites de redes sociais digitais, baseados no trabalho de Raquel Recuero (2009, 166-175).

⁹ Referência ao termo usado por Pierre Levy

ORKUT (www.orkut.com)

Lançado em 24 de janeiro de 2004.

Este é um exemplo típico do que podemos chamar de site de rede social digital propriamente dito. Nele é possível identificar as redes sociais de cada autor, as informações são públicas e as interações sociais acontecem dentro do sistema. O Orkut nasceu da criação de um estudante da Universidade de Stanford, seu nome era Orkut Buyukkoktem. O sistema foi vendido, em 2004, ao Google, empresa para a qual Orkut trabalhava. Em menos de um ano, a maioria dos membros cadastrados no Orkut eram brasileiros. Ele também é bem popular na Índia.

Desde o início, o Orkut já combinava diversas características de sites de redes sociais digitais: existência de perfis (criados pelas pessoas ao se cadastrarem no sistema), de comunidades (criadas pelos indivíduos para reunir pessoas com os mesmos interesses ou para organizar fóruns e mensagens) e da visualização da rede social de cada autor.

WEBLOG (www.blogger.globo.com)

Lançado em agosto de 2002.

Normalmente os blogs são caracterizados como diários eletrônicos publicados na web. Um dos pontos principais é o fato de possibilitarem a rápida atualização de conteúdo. A atualização é feita por meio da postagem de novos artigos, que são organizados de forma cronológica inversa. As ferramentas são gratuitas e de interface muito simples; o site blogger.globo.com é apenas um exemplo dentre outros tantos que oferecem esse mesmo tipo de serviço.

FOTOLOG (www.fotolog.com)

Lançado em 2002.

Os fotologs possibilitam a seus usuários a publicação de fotografias acompanhadas de pequenos textos que podem receber comentários. Os sites ganharam popularidade com a popularização das câmeras digitais, adaptando a idéia dos diários on line (weblogs) aos diários fotográficos.

O funcionamento do fotolog é bastante simples. Cada autor possui um endereço individual, como uma página pessoal, onde posta suas fotos e suas mensagens. Em cada página do fotolog é apresentada a última foto postada e miniaturas de fotos postadas anteriormente. Além disso, cada usuário pode fazer ligações para fotologs de seus amigos.

FACEBOOK (www.facebook.com)

Lançado em 04 de fevereiro de 2004.

A princípio o Facebook foi criado para criar uma rede de estudantes que estavam saindo da Universidade.

O sistema funciona por meio de perfis e comunidades. O Facebook foi o primeiro site de redes sociais a permitir a seus usuários que criassem aplicativos que pudessem ser usados na plataforma do próprio site, personalizado suas páginas de perfil.

TWITTER (www.twitter.com)

Lançado em 15 de julho de 2006.

O Twitter pode ser entendido com um serviço de micro mensagens (apenas 140 caracteres) como um “microblogging”.

O Twitter funciona por meio de perfis que possuem seguidores e seguidos. Cada autor da rede pode escolher os perfis que deseja seguir e aprovar ou reprovar aqueles que indicam o interesse de segui-lo.

Ultimamente o Twitter é um dos espaços que mais têm crescido. De tempos em tempos são percebidas novas formas de se articular de forma (praticamente) instantânea pelo Twitter, fato que por vezes pode trazer diversas oportunidades, mas que também pode ser fonte de grandes prejuízos, devido à grande exposição das informações postadas nesse tipo de serviço.

LITERATURA COMENTADA

Manuel Castells: nasceu em Hellín, em 1942, é um sociólogo espanhol de grande expressão na sociologia de temas relacionados à tecnologia e à sociedade da informação, sendo por esse motivo escolhido para ser a “espinha dorsal” deste artigo. O livro escolhido para compor esta bibliografia, é o primeiro da trilogia "A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura", 1996-2003. No livro a Sociedade em Rede, Castells realiza um estudo que tem como premissa a sociedade com suas relações mediadas pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Partindo dessa premissa, o autor analisa o capitalismo, as relações de trabalho, a produção, entre outros aspectos da vida social. Outro ponto importante que faz parte deste trabalho é o conceito de rede, para Castells (1999, p. 565) “Redes constituem a nova morfologia das nossas sociedades, e a difusão da lógica da rede modifica substancialmente a operação e os produtos nos processos de produção, experiência, poder e cultura”

Pierre Lévy - Nascido na Tunísia em 1956, Levy é um filósofo que trabalha com a relação da sociedade com a Internet, e com as interfaces digitais. No livro *Cibercultura*, Levy propõe uma separação entre o fenômeno técnico que leva ao “uso” do ciberespaço, do movimento social que ocorre por seu uso. Como vimos, Levy faz parte de uma corrente mais positiva da sociologia da Internet, para ele novas relações com o saber são travadas por meio da interação digital. Neste livro, o autor observa que o ciberespaço é a resultante de um movimento de jovens que estão experimentando as novas formas de se comunicar, por meio das interações digitais, diferentes das mídias clássicas. Interações que podem levar a um grande “dilúvio de informação”, o acesso a um volume muito grande de informações, que segundo o autor, facilitaria a troca de experiências e do aprendizado.

Raquel Recuero - Raquel Recuero atua em projetos com ênfase em redes sociais na Internet, conversação mediada pelo computador, difusão de informações na Internet e fluxo de informações e capital social no ciberespaço. O livro *Redes Sociais na Internet* é resultado de sua tese de doutorado. O livro traz uma primeira parte voltada para a definição de redes sociais na Internet, apresentando seus elementos, sua formação e dinâmica de interação e a segunda parte está voltada para a análise dos tipos de redes sociais na Internet, dos sites de redes sociais e um aprofundamento sobre como se dá a difusão de informação por meio de sites e comunidades virtuais baseadas em redes sociais.

Tamara Tania Cohen Egler – No artigo selecionado para compor esta bibliografia, a autora realiza um trabalho de pesquisa acerca do uso das Tecnologias de Comunicação e Informação como uma via alternativa para a interação entre o Estado e a sociedade. Um dos resultados desta pesquisa foi a formulação de uma metodologia que permite o mapeamento dos princípios de organização em rede, as articulações e as conexões entre os organismos desta rede. Na Introdução deste trabalho a autora faz um mapeamento do debate sociológico literatura relacionada à sociedade da informação.

Jorge Alberto S. Machado - O artigo intitulado “*Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais*” traz para a reflexão a questão relacionada ao impacto provocada pelas novas tecnologias de Informação e comunicação na composição dos movimentos sociais. Para Machado, alguns movimentos sociais dedicam à Internet um papel central em suas formas de articulação e compartilhamento, principalmente por seu caráter global. Para o autor, essa perspectiva traz aos movimentos sociais um espaço para transformações e mudanças por meio das novas dinâmicas de ação coletiva, baseada no princípio da rede.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. (1999). *Sociedade em Rede - A Era da informação: Economia, sociedade e cultura*.

EGLER, Tamara Tania Cohen. (2010). *Redes tecno sociais e democratização das políticas públicas*. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 23.

KONTIC, Branislav (2007). *Inovação e redes sociais: a indústria da moda em São Paulo* – Tese de Doutorado – Biblioteca Digital de Teses USP.

LÉVY, Pierre. (1999). *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, Tradução de Carlos Irineu da Costa

MACHADO, Jorge Alberto S. (2007). *Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais*. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 18.

RECUERO, Raquel (2009). *Redes Sociais na Internet* – Coleção Cibercultura, Editora Sulina, Porto Alegre.

STOER, Stephen R; MAGALHAES, António M. (2003). *Educação, conhecimento e a sociedade em rede*. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 24, n. 85.

Outros sites consultados:

<http://softwarelivre.org>

<http://www.ibope.com.br>

www.cgi.com.br – Comitê Gestor da Internet no Brasil